

# HISTÓRIA SEM FIM: O RACISMO NA OBRA DE MANUEL DOS SANTOS LIMA *A PELE DO DIABO*

PATRYCJA LITEWNICKA

MEAF – Universidade do Porto.

## RACISMO

Desde a Guerra Civil, os Afro-Americanos envolveram-se em todos os conflitos militares em que os EUA participaram. Eles lutaram por um país que, até os anos 60 do século passado, lhes negou direitos civis básicos. A guerra do Vietname viu a maior proporção de sempre de negros a servir num conflito armado americano. A participação dos norte-americanos de ascendência africana no exército dos EUA tem uma história longa e distinta. Embora os Afro-Americanos tenham participado em todas as guerras americanas, sempre enfrentaram muitos problemas relacionados com racismo. Por este motivo, particularmente desde os anos 70 do século passado, os militares dos EUA têm feito um esforço sério para a integração racial e, embora ainda haja muito a fazer, atingiram um grau de sucesso nesta área que ultrapassa a maioria das instituições civis<sup>1</sup>.

Além de manifestações contra a política militar externa, uma parcela significativa da sociedade norte-americana começou a contestar nos anos 70 os seus próprios valores e preconceitos. Valendo-se da imagem democrática que o país procurava projetar por causa da Guerra Fria, o movimento negro ganhou força, denunciando a contraditória realidade das relações raciais, a pobreza e a discriminação a que eram submetidos os negros dos EUA. A sociedade norte-americana teve assim um importante papel na expansão do Estado do bem-estar social no país. Por outro lado, foi uma das principais ferramentas do «American

---

<sup>1</sup> Cf. CHAMBERS II, 1999.

Way of Life» que se tentava imprimir no mundo capitalista. Na defesa do reconhecimento e igualdade de direitos e oportunidades, mobilizou-se para alterar as relações políticas, raciais e sociais no país. O uso de canções e comícios aproximou os brancos da luta dos negros, em grande parte devido ao carismático líder Martin Luther King, pastor da Geórgia, que propunha a luta por direitos civis de forma não-violenta – também em resposta opositiva à Guerra do Vietname. O Partido dos Panteras Negras, importante e até hoje lembrado na luta militante contra o racismo, pretendia garantir serviços sociais para a comunidade negra a partir de um «nacionalismo cultural». E ativistas e militantes, como o líder muçulmano Malcom X, proporcionaram visibilidade ao *black power*, valorizando tradições afro-americanas e o apoio a movimentos revolucionários no Terceiro Mundo. As estratégias, ideais e coragem do movimento negro americano inspiraram sindicalistas, feministas, lésbicas e gays, povos indígenas e imigrantes, não só nos Estados Unidos como no mundo<sup>2</sup>.

Para os Estados Unidos, a Guerra do Vietname resultou na maior confrontação armada em que o país já se viu envolvido, e a derrota provocou a «Síndrome do Vietname» nos seus cidadãos e na sua sociedade, causando profundos reflexos na cultura, na indústria cinematográfica e grande mudança na sua política exterior, até à eleição de Ronald Reagan, em 1980.

Infelizmente, as notícias que nos chegam dos Estados Unidos mostram que o racismo ainda não desapareceu. Está, de facto, vivo e não apenas nos Estados Unidos. Os atentados aos direitos humanos são constantes.

As últimas ações da polícia em alguns estados dos EUA podem levar as pessoas a pensar novamente em racismo. Parece mais do que óbvio que todos os seres humanos são iguais e não devem ser discriminados por causa da cor da pele, do sexo ou da religião. Ainda assim, prevalece a tendência para colocar as pessoas em grupos, para as rotular, agindo de acordo com preconceitos e estereótipos. A maneira como os agentes da polícia tratam os alunos afro-americanos nas escolas fez-me perceber que pouco mudou. É muito triste ver todos os vídeos e notícias que mostram como são agredidos e humilhados pela polícia e por outras pessoas.

## JIM «TROMPETE», JIM WHITEMANN E RACISMO

«Negro» foi uma das categorias «inventadas» no contexto do colonialismo para apagar a subjetividade dos povos colonizados. Depois da leitura da peça *A pele do diabo*, percebi que todo o mundo – o planeta, a economia com as novas tecnologias, etc. – se desenvolve e altera, exceto as pessoas.

---

<sup>2</sup> Cf. <<https://tropicaline.wordpress.com/tag/guerra-fria/>>.

O tema da peça *A pele do diabo* é o racismo, um «fenómeno» que os escritores abordaram na década de 50 e ainda parece atual. Os leitores podem ver que a peça foi escrita tendo em conta a luta pelos direitos cívicos dos negros americanos. Como disse o autor da obra, Manuel dos Santos Lima:

*As estatísticas da época indicavam que, anualmente, cerca de 30 mil negros americanos claros tentavam atravessar, clandestinamente, as fronteiras raciais e integrarem-se no lado branco, para terem muito maiores oportunidades de singrarem na vida. (Entrevista a Agui-naldo Cristóvão)*

No início da peça, o autor apresenta, sucintamente, aos leitores a situação da personagem principal Jim «Trompete» Blackman. No primeiro ato, encontramos um jovem soldado Afro-Americano que volta da guerra do Vietname. Pode ser mais do que óbvio que, após um enorme sucesso no Vietname, em que Blackman ganhou muitas medalhas e honrarias, a família dele e os amigos estejam orgulhosos e felizes. No entanto, Jim Blackman, depois de voltar para casa, torna-se um jovem muito pessimista, sem perspetivas para o futuro. Ele esquece-se da sua família, da sua namorada e da vida que deixou antes da guerra. A única coisa que vem à sua cabeça é que vai viver miseravelmente em St. Louis como um Afro-Americano que não tem nada para apresentar ao futuro empregador. Como o autor explica, Jim Blackman «sofre amarga desilusão ao reencontrar uma barreira racial que lhe impõe limitações que reduzem o negro americano a uma condição de sub-homem»<sup>3</sup>. Ele não pode suportar a barreira racial que divide completamente a sociedade americana. Sente-se inútil e incapaz de ajudar a sua mãe doente, Ann, e a sua namorada Rose. A personagem principal facilmente cai na monotonia, o que o leva à depressão e à obsessão de se tornar «branco».

Peter Barrow, um amigo de Jim Blackman, oferece-lhe um presente de aniversário – uma máscara branca, que tem um fundo simbólico. Pode ser entendido como um presente ou como um problema, quando Peter refere: «pode-se ser negro e ser americano, sem usar uma máscara?»<sup>4</sup>. Na realidade, a máscara representa todos os Afro-Americanos que lutaram e ainda lutam contra o problema do racismo nos Estados Unidos da América. Durante uma das discussões entre a personagem principal e Jack, o líder moderado e amigo de Jim, aquele profere uma frase importante: «melhor e mais difícil que ser negro ou ser branco, é ser Homem»<sup>5</sup>. Mesmo que Jim pareça muito interessado no monólogo de Jack, ele só pensa que é um soldado negro inútil que não consegue encontrar um emprego e ter um futuro, por causa da cor da pele: «És negro e falta-te uma perna, ao branco responderão: falta-te uma perna mas és um branco»<sup>6</sup>.

<sup>3</sup> LIMA, 1977: 7.

<sup>4</sup> LIMA, 1977: 9.

<sup>5</sup> LIMA, 1977: 18.

<sup>6</sup> LIMA, 1977: 18.

Quando Blackman conhece o Dr. Sam Crow, que é capaz de mudar a cor da pele, promete a si mesmo tentar alterar o seu destino. Infelizmente, parece que o mencionado Dr. Crow é um símbolo do diabo, a quem Jim vende a sua alma. Crow admite que «Em cada negro americano existe um branco falhado»<sup>7</sup>. A promessa de uma vida melhor leva Jim ao processo de branqueamento. Haveria muito a dizer sobre Crow, não só por causa do simbolismo do seu nome – o corvo como uma figura de mau agouro e morte, mas também porque faz lembrar as Leis Jim Crow, que impunham a segregação: entre 1865 e 1967, desde o fim da Guerra Civil à afirmação do Movimento dos Direitos Cívicos, foram promulgadas mais de 400 leis estaduais, emendas à constituição e posturas municipais que tornaram legal a segregação racial relativamente aos negros.

Logo após o branqueamento, Jim casa-se com Ellen, filha de Parker, um político bem conhecido. Os sonhos de Jim tornam-se reais: ele encontra um emprego que lhe dá oportunidades e um bom salário, sente-se muito confiante e, finalmente, pode ajudar a sua nova família. Apesar disso, torna-se um homem infeliz. Mesmo depois da mudança de cor, não há felicidade: «É um homem grave e triste que se senta pesadamente (...)»<sup>8</sup>. Jim Whitemann, enquanto conversa com uma das suas empregadas, admite: «A felicidade continua a não querer nada comigo»<sup>9</sup>.

A parte mais importante de *A pele do diabo* corre no bar onde Jim Whitemann foi descoberto como Jim Blackman. Alfred, o *barman*, lembra-se do Jim «Trompete» que tinha um grande futuro à sua frente como músico. Quando Alfred pergunta a Whitemann se ele sabe onde está Jim Blackman, ele responde com melancolia: «Ando precisamente à procura dele»<sup>10</sup>. Parece que Whitemann, desde a mudança, está à procura do Jim anterior – o ser humano real e feliz. Todos ao redor admitem que Whitemann é completamente infeliz, até mesmo a prostituta lhe diz: «O senhor é um branco com ar bastante infeliz...»<sup>11</sup>.

Apenas alguns minutos depois, Jim Whitemann começa a ter alucinações. Torna-se óbvio que Jim Whitemann é Jim Blackman quando o *barman* diz: «Parece o Jim, hem? Repare na pureza do estilo... na sinceridade de interpretação...»<sup>12</sup>. Ao olhar-se no espelho da casa do banho, Jim Whitemann vê um Blackman e começa a falar com ele: «Não se vence como negro ou como branco, mas sim como homem (...) E eu que sempre te achei incapaz de ser alguém, por causa da tua pele!»<sup>13</sup>. Whitemann admite que ultimamente se tornara uma criatura estranha, cheia de instabilidade e infelicidade, assim como uma sombra perdida num teatro de fantasmas.

---

<sup>7</sup> LIMA, 1977: 30.

<sup>8</sup> LIMA, 1977: 40-41.

<sup>9</sup> LIMA, 1977: 41.

<sup>10</sup> LIMA, 1977: 44.

<sup>11</sup> LIMA, 1977: 48.

<sup>12</sup> LIMA, 1977: 49.

<sup>13</sup> LIMA, 1977: 49.

O clímax aparece quando Whitemann pergunta a Jim «Trompete» como viver e ser um homem feliz: «Ensina-me como é que se é feliz»<sup>14</sup>. Ele vê a sombra do Dr. Crow e implora para deixar a área «negra» e todas as pessoas «negras» por si só. Ninguém que está no bar – a prostituta, o *barman* e os clientes – sabe o que está a acontecer a Whitemann/Blackman e todos tentam descobrir o que se passou. Para os acalmar, Whitemann explica que está infeliz: «Porque eu vendi a minha alma»<sup>15</sup>. Eles discutem e partilham as suas ideias sobre ser «preto» ou «branco» e o futuro dos AfroAmericanos nos Estados Unidos: «um negro é negro até morte. Essa proposta cheira-me a vigarice ou negócio do diabo, para te perder a alma»<sup>16</sup>.

Quando Whitemann vê Rose, o seu único amor, no corpo da senhora que vende flores, ele começa a tornar-se o Jim Blackman, quer voltar para a sua vida perfeita com Rose e os amigos, mesmo sem quaisquer perspetivas de vida. Pede desculpas a Rose por tudo o que fez, diz que ela é a única a quem ele amava e, no final do seu discurso, cai no chão. Só depois disso Alfred diz à prostituta: «Julgas que acredito nessas histórias de mudar de cor... de vender a alma?»<sup>17</sup>.

Os Mosqueteiros, rapazes que aparecem no bar, descobrem que Whitemann está morto e que, na realidade, ele é «negro». Eles dizem: «Sentimo-nos orgulhosos de ser negros. A nossa pele é a nossa pátria e será a nossa nação!»<sup>18</sup>. Todos podem ver que o corpo voltou à sua cor anterior. Um dos Mosqueteiros explica que o Dr. Crow é um diabo puro: «Crow é mais perigoso que todos os racistas da América juntos...»<sup>19</sup>.

As três últimas páginas de *A pele do diabo* são o diálogo entre os Mosqueteiros e a polícia que vem ao bar. Todos os homens da polícia podem ser entendidos como racistas que não se preocupam com Whitemann/Blackman, que acabou de falecer e jaz no chão. Além disso, eles riem dos Afro-Americanos que ali estão, não vendo qualquer razão para ajudar alguém que é «negro»: «Igualdade! São negros e querem ser iguais a nós! Eles que se pintem de branco! (Ri-se alto)»<sup>20</sup>. Chamam-lhes ratos que querem conquistar a América: «Se não se descobrir um processo de nos livrarmos deles, um dia eles tomarão conta da América. Nascem como ratos...»<sup>21</sup>.

A cena final tem lugar no cemitério onde todas as pessoas do bar e os amigos de Jim «Trompete» lhe vêm dizer adeus. Pantera Negra, que parece ser a voz da consciência de Jim durante *A pele do diabo*, explica que este foi vítima do racismo na América:

<sup>14</sup> LIMA, 1977: 51.

<sup>15</sup> LIMA, 1977: 54.

<sup>16</sup> LIMA, 1977: 54.

<sup>17</sup> LIMA, 1977: 58.

<sup>18</sup> LIMA, 1977: 60.

<sup>19</sup> LIMA, 1977: 61.

<sup>20</sup> LIMA, 1977: 64.

<sup>21</sup> LIMA, 1977: 64.

*Foste mais uma vítima do imenso Calvário do nosso Povo. Há três séculos que nos trouxeram para este país, arrastando cadeias e grilhetas, nos navios negreiros vindos da mãe África. Hoje chamam-nos americanos e mandam-nos matar e morrer pela Democracia que a América nos recusa. (...) Que queremos nós? Uma revolução social e política que vire este país do avesso. Aqui estamos, Jimmy, somos vinte milhões e recusamo-nos a chorar ou a mudar de pele. Aqui estamos, irmão, de mãos dadas e olhos secos, olhando para o Futuro!*<sup>22</sup>

*A pele do diabo* acaba com o funeral de Jim. O monólogo perfeito de Pantera Negra é uma mensagem de todos os Afro-Americanos que lutaram e lutam contra o racismo nos Estados Unidos. Pode-se entender que Jim representa todos os Afro-Americanos que, depois de chegarem da guerra, queriam ter um futuro melhor e até mesmo mudar a cor da pele só para poderem concretizar os seus sonhos.

Repare-se ainda que existem muitas semelhanças entre Jim «Trompete» e Jim Whitemann. Ambos se sentem frustrados com a sua vida, desejam um futuro melhor, mas não sabem como podem ser felizes. Estão perdidos e procuram algo diferente, algo que os faça renascer. Note-se, porém, que eles são infelizes por causa de circunstâncias diferentes. Ao primeiro, Jim «Trompete», falta apenas um trabalho que possa melhorar a sua vida e a da sua família. Já Whitemann conseguiu basicamente tudo o que queria antes da mudança de cor, mas não tem amigos e casou-se sem amor. Ele paga o branqueamento da pele com a sua felicidade pessoal e perde a alma. Este aspeto possibilita uma aproximação ao *Fausto*, de Goethe. A personagem principal, Henrique Fausto, faz um pacto com Mefistófeles, o qual, em troca da sua alma, promete dar-lhe «o que homem algum jamais sonhou sequer»<sup>23</sup>. Goethe apresenta, no entanto, um tema completamente diferente: Fausto não pensa em mudar a sua vida, mas, como o diabo faz tudo para o convencer, ele acaba por concordar.

## CONCLUSÃO

*A pele do diabo*, obra escrita por Manuel dos Santos Lima, mostra que a realidade do racismo ainda está viva hoje. Parece que a personagem principal, Jim, representa todos os Afro-Americanos que, depois de chegarem da guerra, queriam ter um futuro melhor e até mesmo mudar a cor da pele só para tornarem os seus sonhos reais. Se nós não fizermos nada, tudo continuará na mesma.

## Referências bibliográficas

CHAMBERS II, John Whiteclay, ed. (1999) – *The Oxford Companion to American Military History*. Oxford: Oxford UP.

<sup>22</sup> LIMA, 1977: 66.

<sup>23</sup> GOETHE, 1996: 80.

CRISTÓVÃO, Aguinaldo – *Ao conceito de «angolanidade» eu oponho o de «angolanitude»*. Entrevista com Manuel dos Santos Lima, disponível em <<http://www.ueangola.com/index.php/entrevistas/item/782-ao-conceito-de-«angolanidade»-eu-oponho-o-de-«angolanitude».html>>. [Consulta realizada em 15/10/2015].

GOETHE, Johann Wolfgang von (1996) – *Fausto*. São Paulo: Iluminuras.

LIMA, Manuel dos Santos (1977) – *A pele do diabo*. Lisboa: África Editora.

<<https://tropicaline.wordpress.com/tag/guerra-fria/>>. [Consulta realizada em 15/10/2015].

